

## APRESENTAÇÃO

A historiografia ocidental tradicional dividiu a História (e a Pré-história) em períodos e subperíodos sucessivos, separados por intervalos temporais que estabelecem as chamadas *Transições*. Seccionou-se portanto o *continuum* da História sugerindo a existência da ruptura após o tempo longo da continuidade. Mas, de facto, o que normalmente representa a ruptura não é mais do que um longo processo de mudança histórica, por vezes de duração secular ou mesmo milenar. A História e a Arqueologia conseguem identificar sinais e espaços, materialidades e territórios, que anunciam a mudança cultural – *Mundos de Transição* – que traduzem o fluir do processo histórico. E foi precisamente sobre estes *Mundos de Transição* que esta Sessão do Congresso Internacional *Genius Loci* pretendeu debruçar-se.

O convite para promover a abertura da Sessão foi endereçado ao Professor Carlos Fabião (FLUL), que apresentou uma conferência inaugural intitulada *Indígenas vs romanos e romanos vs bárbaros: conceitos, periodizações e suas consequências ou como tornar os processos de transformação e mudança em objeto de estudo*. Seguiram-se contributos muito diversificados, que se espalhavam por diferentes domínios do conhecimento, distintas geografias e variadas cronologias. Por motivos vários, porém, nem todos os autores tiveram tempo e/ou possibilidade de converter as apresentações realizadas em artigos.

Neste sentido, o resultado é enformado pelos textos agora reunidos e publicados. Nos dois estudos inaugurais apresenta-se uma breve síntese sobre problemáticas associadas ao “mundo da morte”. O primeiro aborda a questão das necrópoles peninsulares datadas dos séculos V a VIII AD, revelando a continuidade de práticas anteriores, reflexo de pressupostos mentais associados ao mundo pagão, a par de uma paulatina imposição de novas concepções e simbologias cristãs e da penetração de objetos associados à indumentária e atavio dos chamados povos “bárbaros”. O segundo retrata o período altomedieval associado ao chamado processo de Reconquista Cristã na região sul do Douro, entre os séculos VIII e XI, partindo da análise dos sepulcros escavados na rocha e da sua localização no contexto da dinâmica de ocupação deste território.

O terceiro estudo enquadra-se na chamada “antropologia histórica” e debruça-se, de forma reflexiva, sobre as práticas associadas à devoção, materializadas nas chamadas “alminhas”, colocadas ao longo dos caminhos e nos retábulos das igrejas em Portugal. Assente numa análise comparativa, articula fontes históricas e etnográficas, explorando a questão dos rituais e dos cultos associados à devoção das almas do purgatório.

De natureza diferente é o quarto estudo, relacionado com os domínios da História da Arte e da Historiografia. “Romane vs Romanesque. A invenção de uma nomenclatura” trata da questão da invenção, da posterior adequação e adaptação do termo “românico” nos estudos da especialidade.

Os restantes sete tratam temas de arqueologia, arquitetura, museologia e urbanismo, num tempo lato, que se estende da Pré-história à Época Moderna. O primeiro versa sobre cerâmica romana importada detectada na foz do Douro, concretamente, em Vila Nova de Gaia. No segundo, e seguindo uma perspetiva diacrónica, são apresentados os dados conhecidos até à data sobre a topografia e a história de Mértola na Antiguidade Tardia, entre a segunda metade do século V e os séculos VI-VII. Num outro estudo, aborda-se a transformação arquitetónica das cidades no período Manuelino como resultado da globalização decorrente dos Descobrimentos. De especial interesse para a compreensão histórica do urbanismo português é o retrato, presente num outro texto, de um edifício outrora emblemático na cidade, o “Palácio de Cristal Português”, destruído em meados do século passado. Com este contributo pretende-se responder a algumas questões relacionadas com o período da sua edificação e da sua destruição, bem como as suas influências e legado. Segue-se um artigo focado nos modos de transição (e evolução) da museologia entre os finais do século XX e o arranque do XXI. Já o penúltimo estudo perspetiva de modo crítico a questão do chamado “efeito do espaço binário” e da sua interação na criação de um contexto real de compreensão do espaço urbano tradicional. Para tal, aborda problemáticas teóricas relativamente às distintas conceções do espaço, resultantes da interação entre arquitetura e sociedade ao longo dos tempos. Por fim, dá-se a conhecer um trabalho com componente etnoarqueológica, que se centra no estudo diacrónico da presença humana num território do sul do País, ao longo de cinco milénios.

Andreia Arezes

Rui Morais

Sérgio Monteiro-Rodrigues